

Ameaça à América Latina:

A causa é a dívida externa latino-americana, que vem sendo agravada pela alta dos juros. Advertê

A vultosa dívida externa da América Latina e o pesado pagamento de juros e amortizações podem provocar uma "hiperinflação" no continente, similar à registrada na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial. A advertência foi feita por um dos principais assessores do presidente da Argentina, Raúl Alfonsín, o conhecido economista Raúl Prebisch, em entrevista publicada ontem pelo jornal La Nación, de Buenos Aires.

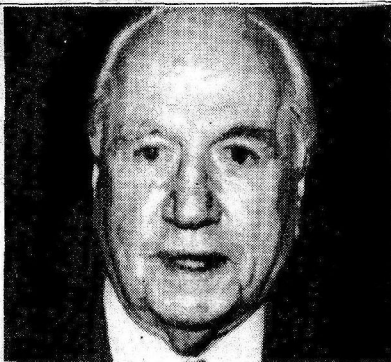
Para Prebisch, o endividamento latino-americano e as elevadas taxas de juros cobradas pelos banqueiros internacionais lembram o pagamento de indenizações imposto à Alemanha pelos vencedores da Primeira Guerra (1914-1918). O vulto destas indenizações obrigou o Tesouro alemão a fazer sucessivas emissões de moeda, o que acabou resultando numa situação de hiperinflação.

— Aqui pode repetir-se a situação — comentou Prebisch, lembrando que o pagamento de juros se converteu no principal canal de evasão de recursos da América Latina.

Nos EUA

Nos Estados Unidos, ocorre problema semelhante, mas "ali o déficit não se monetiza, não se financia com emissão, mas sim tomando recursos no mercado financeiro", o que "eleva os juros, agravando o problema dos devedores".

— Sem reduzir o déficit norte-americano, é impossível reduzir os juros — advertiu Prebisch, concordando com os analistas internacionais em que o mundo está financiando os gastos dos Estados Unidos. "E os europeus estão seriamente preocupados, Helmut Schmidt (ex-chanceler da Alemanha Ocidental) entre outros. Os Estados



Raúl Prebisch

Unidos absorvem fundos do mundo desenvolvido e subdesenvolvido."

"Desequilíbrio dinâmico"

Prebisch, ex-secretário da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina) e da Unctad (Comissão das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento), comentou que os países ricos têm apresentado uma tendência para "o desequilíbrio dinâmico".

E explicou: "Durante todo o período de enorme prosperidade do pós-guerra, o consumo aumentou de forma notável. Aumentaram os gastos sociais e os gastos militares, e isto à custa do processo de acumulação de capital. Sem acumulação, é sabido que o desenvolvimento não pode continuar, apesar do grande potencial da economia capitalista e da tremenda eficiência dos mercados livres". Daí que "onde os mercados foram destruídos, como no comunismo ortodoxo, eles foram substituídos por decisões autoritárias e ineficazes vindas de cima para baixo".

De outro lado, o controle monetário "foi muito eficaz", enquanto houve "passividade trabalhista". Este controle permitiu conter a in-

flação, "como tão bem foi feito por Volcker (Paulo Volcker, presidente da Reserva Federal) nos Estados Unidos. Porém, permanece o problema fiscal".

Como solução para a crise, Prebisch sugeriu "formas de regulação macroeconômicas, que deixem os mercados funcionar sem interferências", de modo a permitir a retomada da acumulação. Citou, a propósito, a proposta do ex-secretário do Tesouro, William Simon, para que se encareça o consumo e não o investimento, e as "insinuações" feitas no mesmo sentido pelo assessor econômico do presidente Ronald Reagan, Martin Feldstein, e pelo senador Gary Hart, candidato à indicação democrata à sucessão de Reagan.

A situação argentina

Com relação à situação argentina, Prebisch voltou a criticar os reajustes salariais. "Houve enormes aumentos de salários no segundo semestre de 1983 (ainda sob o regime militar) e no primeiro trimestre deste ano, também. Houve contratação excessiva de pessoal. É necessário reduzir o papel do Estado a suas funções próprias. O grande gasto estatal gera inflação (433,7% este ano). É claro que não se pode despedir pessoal, enquanto não se reative a economia."

E acrescentou mais adiante: "Estamos pagando as consequências destes grandes aumentos (salariais). Mas os gastos vão ser reduzidos, contendo as despesas militares, os gastos em energia atômica e nas compras do Estado".

Solicitado a avaliar a situação econômica argentina, alertou: "O país não tem idéias claras nem compreensão da gravidade da situação que atravessa".

ncia de um assessor do presidente da Argentina.

hiperinflação.